

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A BAILARINA

Carla Lima Massolla Aragão da Cruz

Universidade Anhembi Morumbi – São Paulo

RESUMO: Na história cinematográfica, o emprego de imagens e textos documentais constitui uma prática constante e diversificada na elaboração das narrativas, inclusive das animações. Para análise, neste artigo, escolhemos a animação *A Bailarina* (Ballerina, Eric Summer e Eric Warin, 2016), filme que se utiliza de práticas como a dança, as artes e a arquitetura, além do sentimento de conquista, liberdade e justiça que integraram o cenário de Paris, no final do século XIX. Foi com a inserção da representação das imagens históricas que a ambiência foi construída e, por outro lado, com a manifestação do teor documental que a animação garantiu o estímulo a uma sensação de pertencimento nos espectadores, que vai além das tradições do cinema, pois vincula a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Animação, Cinema, Registro Documental, Análise Fílmica, *Bailarina*.

ABSTRACT: In cinematographic history, the use of images and documentary texts is a constant and diversified practice in the elaboration of narratives, including animations. For analysis,

in this article, we chose the animation *The Ballerina* (Ballerina, Eric Summer and Eric Warin, 2016), a film that uses practices such as dance, arts and architecture, as well as the feeling of achievement, freedom and justice that the setting of Paris in the late nineteenth century. It was with the insertion of the representation of the historical images that is the ambience was constructed and, on the other hand, with the manifestation of the documentary content that the animation guaranteed the stimulus to a sense of belonging in the spectators, that goes beyond the traditions of the cinema. Because it binds the narrative to the valuation of a subjective voice in the representation of the documentary record and contemporary art.

KEYWORDS: Animation, Cinema, Documentary Record, Film Analysis, *Ballerina*.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho integra um projeto maior de doutorado, cujo objetivo é o de analisar a construção de sentidos nas animações cinematográficas contemporâneas. Na história cinematográfica, a inserção de imagens e textos documentais, constitui uma prática constante, e diversificada, na elaboração das narrativas, inclusive das animações, que por conta disto conquistam um público cada vez

maior. De fato, o próprio início da história do cinema (século XIX) já contemplava a apresentação de sucessivas imagens fotográficas. E até hoje, o cinema não cessa de intensificar o emprego intertextual, no discurso oral ou imagístico, embora também desenvolva constantes processos de reciclagem.

Segundo a perspectiva do arqueólogo Cornelius Holtorf (2007), o público busca uma valorização cultural do passado porque exerce uma relação de interesse, curiosidade e fascínio, é uma forma de perceber na memória um pertencimento, tanto na identidade coletiva, quanto da identidade pessoal. É também, uma questão de contemplação do mistério do desconhecido e do constante não saber.

[...] a memória é acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um estar aqui, que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele. (CANDAUI, 2011, p. 9).

Os documentários contemporâneos revelam um teor diferenciado em relação aos títulos antigos, os documentaristas abriram novas possibilidades de articulação dos conteúdos e maior tolerância na inserção de narrativas e incorporação de outras frentes cinematográficas, demonstrando uma consonância com a abordagem de Candau (2011, p.9) acima referida, na qual afirma que o valor das estratégias na reconstrução do passado está na forma que são utilizadas.

Outra forma de revigorar a voz do passado está nas animações cinematográficas, ora pela representação de dados biográficos como no Dossiê Rê Bordosa (2008, Cesar Cabral), no qual a Rê Bordosa, uma personagem humorística fictícia, conta o processo de elaboração das suas próprias histórias em quadrinhos, criadas pelo cartunista Angeli. Ou com a elaboração de imagens que procuram reproduzir momentos históricos, como apresentadas em Tiros em Clumbine (2002, Michael Moore) e Procurando Sugar man (2012, Malik Bendjelloul).

Dentro destas novas possibilidades, as animações estão conquistando um espaço cada vez maior, principalmente quando se trata da representação de espaços impossíveis ou metamorfoseantes, como afirma Furtado (2009, p.232).

[...] Há um esvaziamento de todo regime de imagem com pretensões a totalizações, pois aqui o cinema se parte, se fragmenta. Suas operações são de pequenas escutas, apreensões particulares. É como se o modelo expositivo abrisse um campo para o cineasta, para o documentarista, de possibilidades de habitar espaços impossíveis, vários possíveis metamorfoseantes, e, assim, outras escritas cinematográficas. (FURTADO, 2009, p 232)

Diante deste cenário, escolhemos a animação *A Bailarina* como foco da nossa análise, pois a narrativa reproduz imagens do século XIX em Londres e Paris, para retratar uma época em que o acervo fotográfico é extremamente limitado, todavia suficiente para inspirar a produção da ambiência e a caracterização dos aspectos culturais pertinentes à memória coletiva de um período de grande impacto social, a *Belle Époque* (“era bonita”), expressão nostálgica utilizada para expressar um tempo

de otimismo, elegância e progresso (1871-1914), entre a Guerra Franco-Prussiana e a Primeira Guerra Mundial, caracterizado pela euforia e pela liberdade de expressão e do progresso tecnocientífico ocidental.



Figura 1 - Exposição de Paris Champ de Mars e Torre Eiffel, Paris, França, 1900. Disponível no site: <http://fiveminutehistory.com/10-fascinating-facts-about-the-belle-epoque/>. Acesso em 20 out. 2018.



Figura 2 - Frame da animação *A Bailarina*, 2016 - Passeio em Paris.

A produção da *A Bailarina* busca na apresentação do tempo e espaço a construção de uma ambiência que transcende à contextualização pura e simples, pois a animação sintetiza uma época que além de demonstrar grande semelhança com as imagens reais ou as ilustrações de pintores, incorpora os sentimentos de conquista, justiça e expressão artística e tecnológica que regiam as relações da época.

Sob o olhar dos personagens Félicie, a menina órfã que sonha em se tornar bailarina e Victor o menino inventor, conhecemos a Paris da década de 1880, uma

cidade em plena transformação urbana, cultural e social. Para viabilizar o acesso deles de Londres a Paris, Victor constrói um planador, que lhe permite voar junto com Félice sobre a cidade de Paris.



Figura 3 - Frame da animação *A Bailarina*, 2016 - Voo sobre Paris.

A ação de sobrevoar a cidade resgata dos acontecimentos históricos significativos da história, a de que foi nesta mesma época (1891) que o engenheiro Otto Lilienthal construiu o primeiro planador. Da mesma forma que voar sobre Paris retoma também o primeiro voo de Santos Dumont sobre a cidade em 1906.



Figura 4 - Otto Lilienthal em voo (c. 1895). Disponível no site: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_Lilienthal>. Acesso em 10 out. 2018.



Figura 5 - Primeiro voo de Paris por Santos Dumont em 1906. Disponível no site: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Santos_Dumont>. Acesso em 10 out. 2018.

Desse modo, Victor, personifica o progresso tecnológico no mundo moderno, relembrando à construção de memórias coletivas.

O passado que as pessoas selecionam e que denominam seus se trata de uma questão de identidade – questão tão própria da modernidade – por meio da construção de memórias coletivas. (HISSA, 2015, p.42).

Embora, Serra (2012) defenda que ainda “[...]há uma visão restrita de documentário como modo de discurso objetivo sobre o real”, também explica que “[...] a animação esteve fortemente associada ao universo do imaginário desde os primórdios, além de possuir uma natureza não objetiva por sua evidente construção.” E ainda, refere que:

[...] Esses fatores sublimaram o potencial da animação para tratar de aspectos do mundo real e, ao mesmo tempo, distanciaram-na do campo do documentário, ou, de forma mais abrangente, do campo dos discursos não ficcionais. (SERRA, 2011).

Rithy Panh, durante muitos anos procurou a imagem que faltava: uma fotografia tirada entre 1975 e 1979 pelos Khmers Vermelhos, quando lideravam o Camboja. A busca da imagem que provava o genocídio não foi localizada nos arquivos, mas para expressar o impacto daquele momento, ele representou a circunstância criando uma imagem, alternativa que só o cinema permite empreender. O mesmo recurso, de criar imagens que expressem determinados momentos históricos, foi utilizado na animação que é nosso objeto de estudo, *A Bailarina* (Ballerina, Eric Summer e Eric Warin, 2016), um filme de animação franco-canadiano dos gêneros aventura e comédia musical, realizado e escrito por Éric Summer, Éric Warin, Carol Noble e Laurent Zeito, lançado na França em dezembro de 2016 e no Brasil em janeiro de 2017.

A narrativa apresenta a jornada de Felicie e Victor, dois órfãos de um orfanato da Bretanha rural que fogem para Paris, com o objetivo de realizarem seus sonhos. Enquanto Victor ingressa na oficina de Gustave Eiffel, Félicie consegue uma vaga na escola de ballet da Grande Ópera de Paris. A conquista pessoal dos personagens alude as sensações de conquistas que permeavam os cidadãos que buscavam na cidade de Paris novas realizações.

Alexandre Gustave Eiffel (nascido em Bönickhausen (1832-1923) foi um engenheiro civil francês e arquiteto. Ele é mais conhecido pela mundialmente famosa Torre Eiffel, construída para a Exposição Universal realizada na data do centenário da Revolução Francesa de 1889 em Paris e também pela sua contribuição na construção da Estátua da Liberdade em Nova York. Disponível no site: <https://desenvolturasedesacatos.blogspot.com.br/2015/02/a-torre-eiffel-sua-historia.html>. Acesso em 01/08/2017.

"[...] o século XIX, em sua segunda metade, apresentava uma conjuntura de aceleração e ampliação do processo de industrialização, movidos pelas estratégias de expansão imperialista do capitalismo, projeto hegemônico centrado na Europa. Trazia os primeiros fenômenos de massa, a metropolização das cidades e com isto, as multidões e novas experiências e sensações." (BARBUY, p.211)

Ambiência da Paris pelos os aspectos ilustrados na apresentação da estátua da Liberdade, que se apresenta quase pronta, e a demonstração do início da realização da Torre Eiffel, nos permite situar os acontecimentos a entre os anos de 1886/1887.

A Estátua da Liberdade é um dos símbolos mais famosos de Nova York. Ela simboliza liberdade política e democracia. Localizada no porto de Nova York, ela é vista como a entrada (não oficial) de Nova York e dá boas-vindas aos visitantes do mundo todo. Dada aos Estados Unidos como presente pelo povo da França em comemoração ao centenário da Revolução Americana, a Estátua da Liberdade abriu para o público em 1886. Disponível no site: <http://www.visitenovayork.com.br/estatu-da-liberdade-em-nova-york/>. Acesso em 27/07/17.

Diferente da protagonista do *Gamer's Mind: Alice Madness Returns*, que depois residir 11 anos em um orfanato em Londres, tem a proposta de conquistar o público pelas manifestações sombrias de sua insanidade, Félicie também sai depois de 11 anos de um orfanato de Londres, mas à procura da realização de seu sonho de seguir a carreira de bailarina.

Alice Madness Returns é a obra prima da nova série Gamer's Mind, jogo psicológico com facetas sombrias e a proposta de diversão na insanidade. Disponível no site: <http://steamtao.com.br/series/gamers-mind-series/gamers-mind-1-alice-madness-returns-limite-da-loucura/>. Acesso em 30/07/17.

Félicie é uma menina que busca a realização de seu sonho de bailarina diante das transformações do século XIX, no qual os traços culturais e a construção dos valores, que configuram a identidade e o perfil das pessoas, sofreram grande impacto, pois se apropriaram de mudanças sociais, culturais e políticas e passaram a refletir concepções multifacetadas da identidade, da noção de certo ou errado, ela sai da segurança do orfanato e se lança a um novo país, em busca da realização de seu desejo.

Conforme Stuart Hall menciona, em sua obra *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 1990, p. 13). Esta incerteza e incompletude humana abre campo para que o fantástico exista e se sustente. Todorov, em sua obra “Introdução à Literatura Fantástica”, afirma que o que permite o fantástico existir é a vacilação, segundo ele “[...] Tanto a incredulidade total como a fé absoluta nos levariam fora do fantástico: o que lhe dá vida é a vacilação” (TODOROV, 2004, p.18).

Partindo desta concepção, as novas produções fogem às classificações tradicionais da teoria, pois intercalam ou misturam as noções do bem e do mal, como também à construção das identidades dos personagens. Não há perda da identidade, já que o sujeito mantém ainda sua essência interior, que é o “eu real”, mas sim a atualização ou modificação dela, é um diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e com as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2003, p. 11). Podemos perceber que a partir do momento que as identidades sofrem, constantemente, a pressão do meio externo, dificilmente é possível conservar as identidades culturais internas intactas, e neste momento ocorre a desfragmentação das identidades, fazendo com que os comportamentos repreendidos tornem-se mais latentes, já que, conforme Hall, é difícil “[...] impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2003, p. 74).

A conquista não é só da Felicie, mas também do Victor na função de inventor, e da coletividade na comemoração ao centenário da Revolução Americana. De fato, a defesa do sentimento de conquista da liberdade, através da busca da realização dos sonhos, fica embutido em toda narrativa, não só pelo discurso e pela trilha sonora, mas também pelo destaque que é dado aos símbolos da conquista coletiva de autonomia, justiça, liberdade e expressão da arte.

Para demonstrar a ambiência de Paris, que teve forte impacto neste processo, a animação resgatou o momento de elaboração dos mais expressivos símbolos: a música, a dança, a arte e a arquitetura.

Podemos constatar nas Figuras 6 e 7 a verossimilhança das características da foto da Estátua da Liberdade com o frame da animação *A Bailarina*.

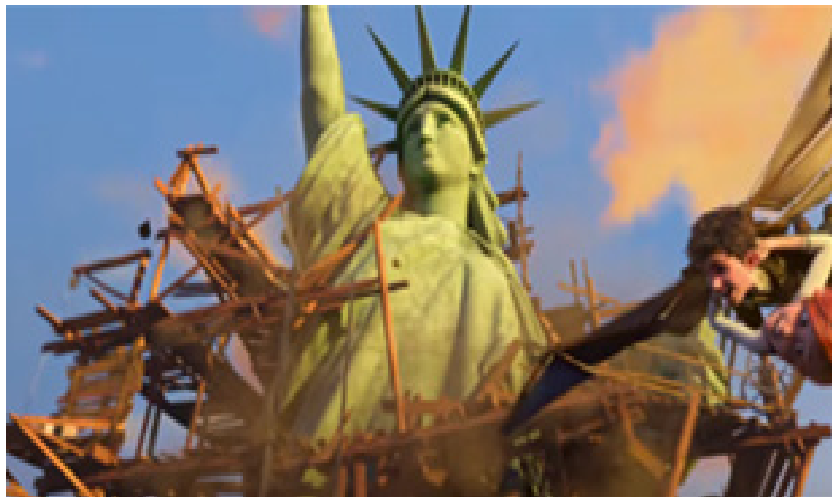


Figura 6 – Frame da animação *A Bailarina*, 2016 - Estátua da Liberdade.



Figura 7 – Modelagem da Estátua da Liberdade no Estúdio Bartholdi – França.

Ao observarmos as Figuras 8 e 9, notamos também a preocupação de expressar os detalhes históricos da Torre Eiffel, uma estrutura revolucionária para a época. Ainda hoje, é um dos principais símbolos de Paris e da França. A Torre levou dois anos para ser concluída e foi inaugurada pelo Príncipe de Gales que, posteriormente, tornou-se o Rei Eduardo VII do Reino Unido. Na sua fase de construção, devido aos poucos recursos da época, a quantidade de fotos é bem restrita.



Figura 8 – Frame da animação *A Bailarina*, 2016 - Torre Eiffel.



Figura 9 – Torre Eiffel e a exposição universal de Paris.

Para enriquecer ainda mais o espetáculo arquitetônico, que marcou a França, no final do século XIX, a narrativa também destaca a Ópera Paris, sede da companhia de ballet e o *Palais Garnier*, inaugurado em 1875, cujos detalhes podemos observar nas Figuras 10 e 11.



Figura 10 – Fachada do Palácio Garnier (Peter Rivera/CC BY 2.0)

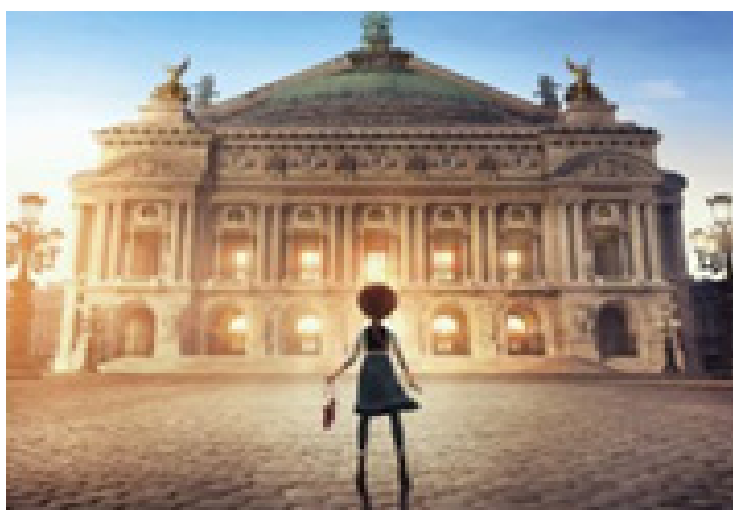


Figura 11 – Frame da animação *A Bailarina*, 2016 - Fachada do Palácio Garnier.

Já, os frames da animação, apresentados nas Figuras, 12, 13, 14 e 15, demonstram, ao serem comparadas com as fotos da sala de ballet da companhia Ópera Paris, a manutenção dos aspectos da estrutura interna (janelas, piso, cortina e o cuidado na representação dos passos da dança.

Para completar a produção, os bailarinos do Ópera Aurélie Dupont e Jérémie Bélingard ajudaram a montar as coreografias vistas no longa, garantido assim a veracidade dos movimentos, das expressões e da estética.



Figura 12 – Aula de ballet no Ópera Paris Fonte: <https://eaudeforme.wordpress.com/2015/10/14/sport-les-bienfaits-de-la-danse-classique/>



Figura 13 – Frame da animação A Bailarina, 2016 – Aula de ballet no Ópera Paris.



Figura 14 - Aula de ballet no Ópera Paris Fonte: <https://eaudeforme.wordpress.com/2015/10/14/sport-les-bienfaits-de-la-danse-classique/>



Figura 15 – Frame da animação A Bailarina, 2016 – Aula de ballet no Ópera Paris.

Durante a narrativa podemos constatar uma reciclagem nas imagens inseridas para composição dos planos gerais de ambientação ou das cenas de ação, de forma que o resultado, acidental por necessidade, “é uma estética do falso *raccord* entre a textura do filme e a textura do plano que ele acolhe” (BRENES, CHODOROV, 2014, p 2), é como uma “animação de montagem”, uma bricolagem da cópia de representação do real e da ficção, que inclui o uso ilustrativo de imagens elaboradas a partir do acervo limitado de fotos da época. É um *found footage*, que se distingue das demais formas em pelo menos três aspectos: ele confere autonomia às imagens, privilegia a intervenção material sobre película e se adere a novos locais (criados para narrativa) e a novas formas de montagem.

Além do resgate das imagens, o nome do inventor, Gustave Eiffel, foi mantido e houve também uma preocupação em apresentar um bailarino soviético com o nome de Rudolf (Rudolf Khametovich Nureyev ou Rudolf Xämät uğlu Nuriev Irkutsk, 17 de março de 1938), remetendo a outro bailarino russo de sucesso. Para complementar a proposta de sucesso da animação, a protagonista recebeu o nome de Félicie, que conforme o dicionário de nomes próprios (<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br>), tem origem do latim feliz, enquanto seu colega Victor também têm o nome de origem latina que significa vitorioso.

A animação é construída a partir da técnica de resgate e colagem de momentos

de grande significado histórico e a justaposição da arte, da arquitetura e da estética, mas também, de uma narrativa que ilustra nos gestos e ambiência uma constante atitude da busca pelo sucesso nas realizações dos sonhos.

A *Bailarina*, não se trata apenas de mais uma animação de ficção, pois ela promove reflexões sobre acontecimentos históricos, tanto na construção da identidade individual, quanto na identidade coletiva. É a libertação da Félicie e do Victor das restrições de um orfanato londrino, como também a comemoração da Revolução Francesa e da comemoração do povo americano, no centenário da revolução marcada pelo sucesso na batalha de Yorktown, na qual recebeu o apoio da França, Países Baixos e Espanha, momento em que derrotaram definitivamente os ingleses e alcançavam o reconhecimento da independência.

Como se não bastasse, a animação agrega ainda, a liberdade de expressão na dança, resgatando os passos e o nome do bailarino soviético Rudolf.

Embora a animação enfatize o sucesso da protagonista, a conquista de Victor, bem como a estética, da arte e o sentimento de transformação cultural recebem destaque. No entanto, foi a inserção da representação das imagens históricas que garantiu um teor documental na narrativa e possibilitou uma sensação de pertencimento nos espectadores, que vai além das tradições do cinema e vincula a narrativa a valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARBUY, Heloisa. **O Brasil vai a Paris em 1889**: um lugar na Exposição Universal. Anais do Museu Paulista, v.4, São Paulo: USP, v.4, 1996.

BRENEZ, Nicole; CHODOROV, Pip. **Cartografia do found footage**. In: **LAICA-USP**, v. 3, n. 5, 2014, p 2.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder**: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FURTADO, Beatriz. **O documentário como obra de arte**. In: FURTADO, Beatriz (Org.) Imagem contemporânea – cinema, TV, documentário... vol. I. São Paulo: Hedra, 2009, pp. 227-241.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HISSA, Sara de Barros Viana. **Algumas Reflexões sobre o documentário arqueológico**. Revista de Arqueologia Pública. Rev. Arqueologia Pública Campinas, SP v.9 n.3, p.42. Disponível no site: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8642867>. Acesso em 02/08/2017.

HOLTORF, Cornilius. **From Stonehenge to Las Vegas: Archaeology as popular culture**. Oxford: Altamira Press, 2007.

SERRA, Jennifer Jane. **O documentário animado**: quando a animação encontra o cinema do real.

Rumores-UPS, ed. 10, ano 5, 2011. Disponível no site:<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51262/55332>. Acesso em 28/07/2017.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

